

## O pecado capital da acídia e o mal-estar na contemporaneidade

Jean Lauand<sup>1</sup>

O tema dos pecados capitais continua suscitando grande interesse popular, mesmo em plena contemporaneidade. Eles foram objeto de uma coleção de livros, *Plenos Pecados*, lançada em 1998 pela Editora Objetiva, da série de sorvetes Magnum, da Kibon, e até do samba-enredo da Escola de Samba Unidos do Viradouro, apresentado no Carnaval do Rio de Janeiro em 2001, para citar alguns poucos exemplos. Uma simples busca na internet revela que existem dezenas de páginas falando dos “sete pecados capitais” da pequena empresa, da mídia, da tecnologia, da psicologia, da publicidade, do atendimento ao cliente, do treinador etc.

Essa ideia verdadeiramente genial – a organização de dezenas de vícios em torno de uns poucos eixos – teve origem há cerca de um milênio e meio. Ela constitui uma elaboração de pensamento que é fruto da “experiência cristã”, como assinala o *Catecismo* da Igreja Católica.

Tal experiência remonta à vivência dos chamados Padres do Deserto – os primeiros monges cristãos –, que na radicalidade de sua proposta realizaram uma “tomografia” da alma humana e descobriram, em suas profundezas, as possibilidades para o bem e para o mal. Como num *rally* ou num enduro, em que as condições da máquina são exigidas em condições extremas, o monaquismo cristão originário buscava testar os limites antropológicos do corpo e do espírito (os limites do jejum, da vigília, da oração etc.). Nesse quadro surgiu a doutrina dos pecados capitais.

As primeiras tentativas de organizar essa experiência se devem a autores antigos como Evágrio Pôntico (345-399), João Cassiano (360-435) e Gregório Magno (540-604). Inicialmente, não havia fixidez no número e no conteúdo dos pecados, que podiam variar ligeiramente de acordo com a lista de cada autor. Na enumeração de Gregório Magno, por exemplo, os pecados capitais são: glória vã, inveja, ira, tristeza, avareza, glotonaria do ventre e luxúria<sup>2</sup>.

Somente séculos depois é que encontramos a doutrina dos pecados capitais desenvolvida e consolidada na obra de Tomás de Aquino (1225-1274), que repensa de modo amplo e sistemático a antropologia subjacente aos vícios capitais. Segundo Tomás, os pecados capitais são: vaidade, avareza, inveja, ira, luxúria, gula e acídia.

Como se nota, o pecado capital do qual nos ocuparemos neste ensaio, a acídia, está presente tanto na lista de Gregório Magno – compreendido na tristeza – como na relação de Tomás de Aquino. Em ambas, a acídia é vista como a acidez da alma, a queimadura interior do homem que recusa os bens espirituais.

É sobre essa acidez da alma e suas consequências para o ser humano que discorreremos a seguir, tomando como base principalmente as análises de Tomás de Aquino.

---

<sup>1</sup>. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br. Autor do recém-lançado: *Pequeno dicionário de expressões brasileiras*. São Paulo: Enguaguaçu, 2023.

<sup>2</sup> *Moralia in Iob* 31, 45.

Tomás ensina que os pecados capitais recebem esse nome porque derivam de *caput* (“cabeça”, “líder”, “chefe”, em latim) – de onde também vem o termo italiano *capo*, usado para designar, por exemplo, o chefe da Máfia siciliana. Assim como o líder de uma organização criminosa, os pecados capitais são como sete poderosos “chefões” que comandam, que produzem outros vícios subordinados, sete vícios especiais que gozam de uma especial “liderança”, comprometem vários aspectos da conduta e constituem uma restrição à autêntica liberdade e um condicionamento para agir mal.

A acídia é um desses “chefões”. Como explica o filósofo alemão Josef Pieper<sup>3</sup>, os grandes educadores da cristandade ocidental sempre entenderam que o termo “acídia” está ligado ao fato de que o ser humano não “colabora” para a realização de si mesmo, de que ele se nega a dar a necessária contribuição para a própria existência humana autêntica. Não se trata de algum fazer externo, mas da concretização do próprio ser homem, para o que nós, silenciosa e inequivocamente, nos sabemos desafiados. E – continua Pieper – não aceitar esse desafio, responder aqui com “não”, precisamente essa é a essência da “tristeza” da acídia. Pieper afirma:

Na tristeza que é um pecado, o homem se opõe ao direito que é dado com a sua própria dignidade; ele se debate contra ser uma essência espiritual instituída com poder de decisão. Antes, não quer ser aquilo para o que Deus o elevou a ser, o homem, acima de toda potência natural. Em uma palavra, o ser humano não quer ser o que ele, entretanto, não pode desistir de ser: pessoa espiritual, com nada mais para aquietar verdadeiramente a escassez do que Deus mesmo; além disso, um “filho de Deus”, herdeiro legal da vida eterna<sup>4</sup>.

A acídia é, portanto, a tristeza provocada pelo medo das alturas espirituais e existenciais a que Deus chama o ser humano. Acometido pela acídia, este não encontra ânimo nem vontade de ser tão grande como realmente está chamado a ser, abdica do “Torna-te o que és” – a famosa frase com que o poeta grego Píndaro resume toda a ética<sup>5</sup>. Quando passamos ao plano da graça, a acídia é um aborrecer-se de que Deus tenha elevado o ser humano ao plano da filiação divina, à participação em sua própria vida íntima<sup>6</sup>.

Tomás de Aquino aborda o pecado capital da acídia principalmente na *Suma teológica*<sup>7</sup> e em *De malo*<sup>8</sup>. Em *De malo*, ele caracteriza a acídia desta forma: “A acídia é o tédio ou a tristeza em relação aos bens interiores e aos bens do espírito<sup>9</sup>”.

A gravidade da acídia já se nota nesta primeira aproximação do conceito: a acídia é uma tristeza. E a tristeza não é só em si mesma um mal, mas fonte de outros males – característica própria dos pecados capitais. Como Tomás argumenta: “Vício capital é aquele do qual naturalmente procedem, a título de finalidade, outros vícios. E, assim como os homens fazem muitas coisas por causa do prazer – para obtê-lo ou movidos pelo impulso do prazer –, assim também fazem muitas coisas por causa da

---

<sup>3</sup> Josef Pieper, *Die Verborgenheit von Hoffnung und Verzweiflung*, em *Werke*, volume 7, Hamburg: Felix Meiner, 2008, página 331.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Esse tema é abordado no segundo ensaio deste livro, “O conceito de ser humano em diferentes culturas”.

<sup>6</sup> Josef Pieper, *Über die Hoffnung*, em *Werke*, volume 4, Hamburg: Felix Meiner, 2008, página 278 e seguintes.

<sup>7</sup> II-II, 35.

<sup>8</sup> Questão 11.

<sup>9</sup> *De malo*, 11, 1.

tristeza, para evitá-la ou arrastados pelo peso da tristeza. E esse tipo de tristeza, a acídia, é convenientemente situado como vício capital”<sup>10</sup>.

Como pecado capital, a acídia é a mesma e única base de duas atitudes contrárias: uma que leva à ação, ao ativismo, à inquietude, e outra que conduz à inação, à paralisia, ao imobilismo. Essas atitudes são estimuladas pelas “filhas da acídia”, já mencionadas por Gregório Magno.

A primeira das “filhas da acídia” é a *desperatio* (o desespero), que leva à ação. Queimado por essa tristeza – existencialmente suicida – e movido pela queimadura de sua acidez, o desespero induz o homem a se entregar à *evagatio mentis* (dissipação da mente), à dispersão de quem renuncia a seu centro interior, abandona a torre do espírito e se derrama no variado, buscando afogar a sede existencial na água salgada das compensações e prazeres de uma atividade desenfreada, que inclui o falatório inócuo (*verbositas*), o agitar-se, o mover-se, a incapacidade de se concentrar em um propósito (*instabilitas*) e o desejo desordenado de sensações e de conhecimento (*curiositas*).

Toda essa agitação se deve a que, como diz Tomás, citando Aristóteles, “ninguém pode permanecer por muito tempo em tristeza, sem prazer”<sup>11</sup>. O Aquinate justifica:

O homem é levado a afastar-se daquilo que o entristece e a buscar o que lhe agrada, e aqueles que não conseguem encontrar as alegrias do espírito instalam-se nas do corpo. Assim, quando um homem foge da tristeza opera-se o seguinte processo: primeiro foge do que o entristece e, depois, chega a empreender uma luta contra o que gera a tristeza<sup>12</sup>.

Outra “filha da acídia”, contrária à *desperatio*, é a *pusillanimitas* (a pusilanimidade), que conduz à inação. A esse respeito, Tomás de Aquino lembra que o peso da tristeza da acídia de tal modo deprime o ânimo do homem que nada do que ele faz o agrada, tal como as coisas ácidas, que são frias. Daí o tédio e a enorme dificuldade de começar qualquer ação. Por isso, Tomás caracteriza a acídia como “torpor da mente em começar um ato bom”<sup>13</sup>.

Típico da acídia, esse estado de inação, de tédio e de aborrecimento surge com frequência na literatura e na poesia, como em “A troca de pneu” (*Der Radwechsel*), do poeta alemão Bertolt Brecht (1898-1956):

Fico sentado à beira da estrada  
O chofer troca o pneu  
Não “tô legal” lá de onde venho  
Não “tô legal” lá para onde vou  
Por que sigo a troca do pneu  
Com impaciência?

A mesma atitude é expressa em *Cidadezinha qualquer*, poema de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987):

---

<sup>10</sup> *Suma teológica* II-II, 35, 4.

<sup>11</sup> *Idem*.

<sup>12</sup> *Idem*.

<sup>13</sup> *Suma teológica* II-II, 35, 1.

*Casas entre bananeiras  
mulheres entre laranjeiras  
pomar amor cantar.*

*Um homem vai devagar.  
Um cachorro vai devagar.  
Um burro vai devagar.  
Devagar... as janelas olham.*

*Eta vida besta, meu Deus.*

Tanto no fazer como no não fazer, o tédio. Com incomparável lucidez, o poeta português Fernando Pessoa (1888-1935), no *Livro do desassossego*, diagnostica esse tédio em seus múltiplos aspectos. Limitemo-nos a uma passagem que ressalta precisamente que o problema não está no trabalho nem no repouso, mas no centro do eu:

O tédio... Trabalho bastante. Cumpro o que os moralistas da ação chamariam o meu dever social. Cumpro esse dever, ou essa sorte, sem grande esforço nem notável desinteligência. Mas, umas vezes em pleno trabalho, outras vezes no pleno descanso que, segundo os mesmos moralistas, mereço e me deve ser grato, transborda-se-me a alma de um fel de inércia, e estou cansado, não da obra ou do repouso, mas de mim<sup>14</sup>.

Na canção *Sinal fechado*, o compositor Paulinho da Viola nos apresenta agudamente a acídia em nosso cotidiano:

Olá, como vai?  
Eu vou indo e você, tudo bem?  
Tudo bem eu vou indo, correndo  
Pegar um lugar no futuro, e você?  
Tudo bem, eu vou indo em busca  
De um sono tranquilo, quem sabe?  
Quanto tempo... pois é...  
Quanto tempo...  
Me perdoe a pressa  
É a alma dos nossos negócios  
Oh! Não tem de quê  
Eu também só ando a cem  
Quando é que você telefona?  
Precisamos nos ver por aí  
Pra semana, prometo talvez nos vejamos  
Quem sabe?  
Quanto tempo... pois é...  
Quanto tempo...  
Tanta coisa eu tinha a dizer  
Mas eu sumi na poeira das ruas  
Eu também tenho algo a dizer  
Mas me foge a lembrança

---

<sup>14</sup> Fernando Pessoa, *Livro do desassossego*, 263.

Por favor, telefone, eu preciso  
Beber alguma coisa, rapidamente  
Pra semana  
O sinal...  
Eu procuro você  
Vai abrir...  
Prometo, não esqueço  
Por favor, não esqueça, por favor  
Adeus...  
Não esqueço  
Adeus... Adeus...

Mesmo essa descrição breve das “filhas da acídia” torna evidentes os seus perigos: o desenraizamento, a abdicação do processo de autorrealização profunda do eu, que passa a espalhar-se no variado.

Se já Pascal afirma que toda a infelicidade do homem procede de uma única coisa – ele não poder estar a sós consigo mesmo em um quarto<sup>15</sup> –, hoje, mais do que nunca, essas possibilidades de dispersão estão disponíveis e se encontram potencializadas ao máximo por toda parte.

A tristeza é uma poderosa força destruidora, convidando (ou impondo) a diversas compulsões: das drogas ao jogo, do consumismo ao vício do trabalho. Por trás de tudo isso, não haverá um componente daquela *desperatio* e seu desdobramento, a *evagatio mentis*, com a *instabilitas*, a *verbositas* e a *instabilitas* que lhe são próprias?

Ao se caracterizar a acídia como uma tristeza, abrem-se inúmeras dimensões antropológicas, com interfaces nem sempre claras, e a questão adquire uma imensa complexidade: a tristeza pode ser (ou não) pecado, doença, estado de ânimo, atitude existencial ou combinações desses fatores.

Só com enunciar essas dimensões, já se mostra imediatamente a extrema atualidade do nosso tema. Tanto que o escritor norte-americano Andrew Solomon, autor de um dos mais importantes livros sobre a “doença do nosso tempo”, a depressão, incluiu a velha acídia no próprio título de sua obra, *O demônio do meio-dia – Uma anatomia da depressão*<sup>16</sup>. O “demônio do meio-dia” é a acídia.

Infelizmente, nesse livro – tão oportuno e acertado na análise da depressão –, o autor incorre em imprecisões ao examinar a obra de Tomás de Aquino, dando a impressão de que Tomás endossa teses que, na verdade, são o avesso das afirmadas por ele. Solomon afirma, por exemplo, que Tomás “colocava a alma hierarquicamente acima do corpo” e, portanto, “a alma não poderia ser sujeita às doenças corporais”. Diz ainda que, “uma vez que a alma estava abaixo do divino, era sujeita à intervenção de Deus ou de Satã” e que, nesse contexto, “uma doença tinha que ser do corpo ou da alma, e a melancolia estava assinalada para a alma”.

De fato, a descrição que Tomás faz da acídia e de suas manifestações se aproxima muito da descrição que se faz hoje da doença da depressão. Mas, quando fala da acídia, ele está focando a dimensão que mais lhe interessa como teólogo: a da tristeza moralmente culpável, resultado da recusa dos bens espirituais. Entretanto, isso não significa que Tomás não possa atribuir a tristeza depressiva a causas naturais, alheias ao âmbito moral. Inversamente, seria interessante, para nós hoje,

---

<sup>15</sup> *Pensamentos* 136/139.

<sup>16</sup> Andrew Solomon, *O demônio do meio-dia – Uma anatomia da depressão*, Rio de Janeiro, Objetiva, 2002. Título original: *A noonday demon – An atlas of depression*.

considerarmos também que pode haver uma acídia, uma dimensão moral em alguns casos de tristezas depressivas – algo inexplorado atualmente.

De resto, nada mais alheio ao pensamento de Tomás do que uma separação entre espírito e matéria, como pensa Solomon. O que o Aquinate afirma, sim, é o homem total, com a intrínseca união espírito-matéria, pois a alma, para ele, é forma ordenada para a intrínseca união com a matéria. Nesse sentido, Tomás faz recomendações precisamente sobre a tristeza, que reside na alma. Sem mencionar Deus nem Satã, chega a sugerir banho e sono como remédios, pois, como ele diz, “tudo aquilo que reconduz a natureza corporal a seu devido estado, tudo aquilo que causa prazer é remédio contra a tristeza”<sup>17</sup>. Tomás destrói assim a objeção “espiritualista”.

Sobre a interação entre alma e corpo, Tomás afirma: “A tristeza é, entre todas as paixões da alma, a que mais causa dano ao corpo (...). E, como a alma move naturalmente o corpo, uma mudança espiritual na alma é naturalmente causa de mudanças no corpo”<sup>18</sup>.

Quanto à melancolia, Tomás está longe de considerá-la uma exclusividade da alma: “Os melancólicos desejam com veemência os prazeres para expulsar a tristeza, porque o corpo deles se sente como que corroído pelo humor mau”<sup>19</sup>.

Talvez em razão desse sintoma que leva à inação, à incapacidade de realizar algo, a acídia passou a ser confundida com a preguiça. O *Catecismo* da Igreja Católica, por exemplo, apresenta como pecados capitais a soberba, a avareza, a inveja, a ira, a impureza, a gula e... a preguiça ou acídia.

É bastante sugestiva, e mesmo intrigante, essa ambiguidade em relação ao sétimo pecado elencado: a preguiça, familiar a todos, ou a ilustre desconhecida acídia? Por que o *Catecismo* hesita entre preguiça e acídia? Ou será que as toma como palavras sinônimas ou equivalentes?

Na verdade, parece que o *Catecismo*, por um lado, evita propor como vício capital um pecado, a acídia, do qual nunca ninguém ouviu falar e, por outro lado, talvez reflita certa vergonha de alçar ao elevado posto de pecado capital a relativamente inofensiva preguiça, que hoje aparece como um pecadilho simpático, tal como retratado no samba-enredo da Viradouro.

Josef Pieper faz notar que não há conceito ético mais desvirtuado, mais notoriamente aburguesado na consciência cristã do que o de acídia. E, numa formulação forte, afirma: “O fato de que a preguiça esteja entre os pecados capitais parece que é, por assim dizer, uma confirmação e sanção religiosa da ordem capitalista de trabalho. Ora, essa ideia é não só uma banalização e um esvaziamento do conceito primário teológico-moral da acídia, mas até mesmo sua verdadeira inversão”<sup>20</sup>.

Esse esvaziamento a que se refere Pieper ocorre, antes de tudo, no campo da linguagem. É óbvio que a palavra acídia é desconhecida para nós: quem a ouviu ou a pronunciou nos últimos anos? Por trás de um problema de léxico, há um grave problema de campo de visão, uma vez que a ausência da palavra nos impede de divisar a realidade antropológica que está por detrás da palavra acídia. E precisamente aí se encontra um grave problema educacional: é-nos difícil acessar as realidades ético-antropológicas por falta de linguagem. É como se tivéssemos que transmitir um jogo de futebol sem poder contar com palavras como “pênalti”, “grande área”, “cartão”,

---

<sup>17</sup> *Suma teológica* I-II, 38, 5.

<sup>18</sup> *Suma teológica* I-II, 37, 4.

<sup>19</sup> *Suma teológica* I-II, 32, 8, objeção 2.

<sup>20</sup> Josef Pieper, *Über die Hoffnung*, em *Werke*, volume 4, Hamburg: Felix Meiner, 2008, página 279.

“impedimento” etc. Reciprocamente, uma vez que não acessamos as realidades designadas pelas palavras, estas vão se tornando mais e mais obsoletas.

Com isso, tocamos aquele ponto essencial para a educação moral de hoje, o da mútua alimentação, da relação dialética entre a percepção da realidade moral e a existência de linguagem viva. O empobrecimento do léxico moral é, hoje, um dos mais agudos problemas pedagógicos, na medida em que gera um círculo, literalmente, vicioso: a falta de linguagem viva embota a visão e a experiência da realidade moral e o definhamento da realidade esvazia (ou deforma) as palavras. Faltam-nos as palavras, faltam-nos os conceitos, faltam-nos os juízos, falta-nos acesso à realidade. Como tão bem apontou Fernando Pessoa, numa das *Quadras ao gosto popular*, para o caso da saudade:

Saudades, só portugueses  
Conseguem senti-las bem  
Porque têm essa palavra  
Para dizer que as têm.

Quando a realidade é viva, o léxico é vivo. No Brasil, há um vocabulário riquíssimo para o futebol. Por exemplo, para diferentes ângulos de uma jogada bastante semelhante, dispomos dos termos “bicicleta”, “meia-bicicleta”, “puxeta” e “voleio”. Já para a realidade ética e antropológica, nosso léxico é paupérrimo.

Essa deficiência da linguagem foi notada pelo filósofo espanhol Julián Marías, ao fazer o seguinte comentário:

Enquanto o vocabulário de uma área particular – a agricultura ou a pecuária, por exemplo – possui uma riqueza enorme, tudo o que um homem pode sentir por outra pessoa resume-se, em todas as línguas que conheço, a meia dúzia de palavras. Algumas positivas, como “amizade”, “amor”, “ternura”, “simpatia”, “carinho”, e outras tantas negativas. Parece-me muito restrito. Há uma variedade imensa do amor, e a língua não reflete essa variedade. É uma limitação esquisita. Talvez devida a uma certa desatenção pelos sentimentos, pelos conteúdos anímicos, em contraste com a refinada atenção dedicada às técnicas da agricultura, da medicina. Eu fico muito perplexo com esse fato<sup>21</sup>.

Apesar desse entrave linguístico, existem sinais visíveis dos efeitos da acídia e de suas “filhas” no mundo contemporâneo. Um desses efeitos está relacionado com o consumismo, que é uma forma daquele “derramar-se no variado” citado há pouco. A esse propósito, Tomás tem uma observação muito interessante e extremamente “moderna”. Ao questionar se o fim último, a felicidade, está nas riquezas, ele, naturalmente, responde que não: os bens naturais ordenam-se ao homem (e não ao contrário), e o dinheiro, por sua vez, serve apenas para a aquisição desses bens. Porém, o dinheiro traz em si um perigo específico: ele imita falsamente a infinitude do verdadeiro bem supremo. Como afirma o Aquinate:

O apetite das riquezas naturais não é infinito, porque, a partir de uma certa medida, as necessidades naturais são satisfeitas. Mas o apetite

---

<sup>21</sup> Julián Marías, entrevista a Jean Lauand, revista *Videtur*, número 8 ([www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm](http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm)).

das riquezas artificiais é infinito, porque está a serviço de uma concupiscência desordenada e sem medida (...). No entanto, são diferentes os desejos infinitos do Sumo Bem e das riquezas. Pois quanto mais perfeitamente se possui o Sumo Bem, mais ele é amado e mais se desprezam os outros bens (...). Já com o apetite do dinheiro e dos bens temporais acontece o contrário: quando são obtidos, são desprezados e buscam-se outros (...). Sua insuficiência é mais conhecida quando são possuídos<sup>22</sup>.

Começa assim outro ciclo vicioso: o desespero leva ao consumo, que, mostrando-se insuficiente (e os bens de consumo mostram-se mais insuficientes quando são consumidos), leva a mais desespero e a mais consumo. E o mesmo se dá em relação às demais atividades movidas pela acídia.

Mas, apesar do poder destruidor da acídia, é possível resistir a esse pecado capital. Tomás, ao comentar que alguns autores estabelecem uma correlação entre os sete dons do Espírito Santo e os sete pecados capitais, indica que o dom correspondente à acídia é o dom da fortaleza<sup>23</sup>, o esforço por não se deixar dominar por essa acidez da alma.

Tomás observa também que a luta contra os pecados não é uniforme. Em alguns casos, deve-se fugir simplesmente, sem considerações intelectuais. No caso da acídia, é diferente: quanto mais nos aplicamos a refletir intelectualmente sobre os bens espirituais, mais agradáveis estes se tornam para nós e, assim, cessa a acídia<sup>24</sup>.

Referindo-se a um dos Dez Mandamentos – aquele que manda guardar o sábado, o dia do descanso –, Tomás afirma que “(o mandamento do repouso) ordena a quietude da mente em Deus, o que se opõe à tristeza da mente com o bem divino”. Se observarmos mais de perto essa formulação do Aquinate, veremos que a “quietude da mente” é a atitude de festa da alma, instalada na *skholé* (no sentido aristotélico) e fruindo da contemplação.

Em outras palavras, é possível resistir à acídia cultivando o seu contrário – a contemplação. Como afirma Tomás: “Na vida contemplativa, que exige poucas coisas, o homem basta-se mais a si mesmo (...). A vida contemplativa consiste em certo repouso e quietude, como diz o salmo: ‘Repousai e vede que eu sou Deus’”<sup>25</sup>.

Esse verso do livro de *Salmos* é citado várias vezes por Tomás<sup>26</sup> como atitude típica em obediência ao mandamento do repouso – o avesso da acídia. Não se trata somente de ausência de perturbações exteriores, mas também das interiores<sup>27</sup>. E, explicando como se chega ao conhecimento de Deus, Tomás diz: “Pela quietude da mente, ou seja, o repouso”<sup>28</sup>.

Trata-se, portanto, de um antídoto contra essa tristeza que sempre se abate sobre aqueles que recusam os bens do espírito – sejam os Padres do Deserto, seus descobridores, seja o homem contemporâneo.

Recebido para publicação em 12-03-24; aceito em 16-04-24

<sup>22</sup> *Suma teológica* I-II, 2, 1, objeção 3.

<sup>23</sup> *Comentário às Sentenças* III, 34, 1, 2.

<sup>24</sup> Tomás de Aquino, *Suma teológica* II-II, 35, 1, objeção 4.

<sup>25</sup> *Suma teológica* II-II, 182, 1. Na *Septuaginta*, o verbo utilizado é *eskholasate*.

<sup>26</sup> Por exemplo, em *Comentário às Sentenças* III, 37, 1, 2 e *Suma teológica* I-II, 100, 3, objeção 2.

<sup>27</sup> *Suma teológica* II-II, 181, 4, objeção 1.

<sup>28</sup> *Comentário ao Evangelho de João* 1, 15.